

DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

O patrimônio arquitetônico criado pelo Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963)

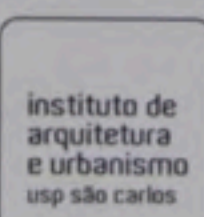
A produção de equipamentos públicos a partir do PAGE configurava-se como um dos momentos mais ricos do Modernismo Brasileiro. Trazendo para o primeiro plano a questão social, as obras implantadas pelo PAGE, valendo-se da hegemonia já alcançada pela Arquitetura Moderna nos anos 1950, incrementaram o desenvolvimento da linguagem, das soluções e tipos modernos, não se limitando à repetição de concepções e formas consagradas e estabelecidas.

A pesquisa, que informa essa exposição, teve como escopo o inventário e a análise dessa produção. Discorrendo sobre as obras, Plínio de Arruda Sampaio, chefe de Gabinete do governador, afirmou que os “projetos padrão” desenvolvidos pelo DOP não atendiam as qualidades pretendidas em termos de aproveitamento e funcionalidade. Sobretudo, não consentiam as

qualidades formais e simbólicas dos próprios públicos, que necessitavam amalgamar desenvolvimento material e modernismo social, e desta forma solicitavam a adoção da arquitetura que naquele momento já “fazia história”:

(...) era óbvio que tinha que ser moderno. Nem se discutia, era uma coisa de senso comum. Era tão hegemônica a ideia e eles todos eram ligados a isso, tinham acabado de sair da arquitetura. Eram todos alunos do Artigas, desse pessoal “craque”(...). (SAMPAIO, 2007)

A pesquisa listou mais de 1.100 empreendimentos construídos, levantou 661 e inventariou com precisão 521. Uma pequena parcela está aqui apresentada, mesmo assim, como pode ser atestada, sua importância para os rumos da Arquitetura Moderna Brasileira é fundamental.



Projetos de equipamentos públicos anteriores ao PAGE

Até a instituição do PAGE o Departamento de Obras Públicas do Estado (DOP) projetava e implantava com raras exceções projetos padrão cuja extração era eclética, neocolonial e neoclássica. Os edifícios públicos paulistas até 1959, quando a hegemonia da Arquitetura Moderna Brasileira já era uma realidade e no curso das obras de Brasília, ainda exibiam uma linguagem, grosso modo, eclética.

Alguns projetos até a década de 1940 foram contratados junto a escritórios de arquitetura ou de engenharia. Esses projetos, também, possuíam uma orientação diversa, variando do eclético ao art-deco. Além do DOP, a Secretaria da Agricultura também projetava seus edifícios, como as Escolas Práticas de Agricultura, as Casas de Agricultura, Institutos e outros equipamentos, através da Divisão de Engenharia Rural-DEMA. Neste caso, a linguagem arquitetônica recorrente era a neocolonial.

As poucas obras modernas foram edificadas porque algumas Secretarias contrataram diretamente arquitetos modernos para seus projetos, ou ainda, foram fruto de casos específicos, como o Edifício "E1" da Escola de Engenharia de São Carlos projetado pelo Escritório Técnico da USP dirigido pelo arquiteto Hélio Duarte.

O descompasso entre o sucesso, a aceitação e a hegemonia da arquitetura moderna no país e a produção arquitetônica do Estado, ao final da década de 1950 não encontrava mais respaldo em nenhum agrupamento cultural, social ou político, o que está na base da mudança arquitetônica propiciada pelo PAGE. O dado mais intrigante é a permanência de uma arquitetura 'não moderna' até aquele momento, patrocinada pelo poder público, justamente, no Estado que simbolizava a modernização do país.



instituto de
arquitetura
e urbanismo
usp são carlos



Obras públicas anteriores ao PAGE

Projeto Faculdade de Filosofia Ciências e Letras,
Al. Glória, São Paulo, Arqto. Mário Wately

APLAUDIU O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
O PLANO DE AÇÃO DE CARVALHO DE